

## La Grande Bouffe

Lucia Garrido

Centro de Etologia Especulativa, Fedora

1. Sou uma etóloga. Nunca fiz distinções nítidas entre quem se comporta de alguma maneira que me interessa – me interessa o gesto, e não quem gesticula. Por exemplo, a ingestão. Esta metodologia precária, que já me levou longe mas raramente me trouxe de volta, eu aprendi com um mestre quando ele era quase imortal: o velho Heráclito que eu conheci em uma praia há mais de 20 anos. Seus pensamentos, e sua maneira de sobreviver – se alguém pode ser quase imortal era ele, que já tinha milênios – começaram a transparecer através de alguns de fragmentos de seus escritos publicados recentemente.<sup>1</sup>

Ali lemos que

*[o]s vermes, os vírus, as baratas e os ratos não se renderam diante da proclamação de vitória humana sobre a animália. Também nossos lapsos, nossos gestos miúdos, os arrabaldes do pensamento ainda resistem ao princípio de humanização do mundo que impomos, como um princípio, a tudo e sobretudo a quem nasce gente. (Fragmento 198)*

E também:

*Sinto às vezes meus ombros estancados, virando pedra. Gosto quando eles viram água e me soltam. Tanto as pedras quanto as águas têm gestos de coragem. E também meus ombros já que as pedras e as águas às vezes ficam virando ombros. (Fragmento 241)*

Minha etologia, influenciada por este sobrevivente que em breve se tornou desaparecido depois de um bombardeio, procura não começar com uma distinção entre “quem” e “que”, ou, entre “ninguém” e “nada”. Assim, me interessei muito pela história de uma mesa de um café no centro da cidade: quem paga, quem é servido, quem come sem ser servido, quem come aquilo que sobra e o que aquilo que sobra come. Logo de imediato, fica parecendo

---

<sup>1</sup>

Cf. Bensusan, H., L. Antunes e L. Ferreira, Heráclito – Exercícios de Anarqueologia, São Paulo: Idéias e Letras, 2012.

que o tema do alimento fica sendo sobre *quem* alimenta *quem* – ou então sobre o que come o que.

2. É que eu tenho vagado sobre a terra, não a Terra, que é casulo e que é intruso, mas a terra, o húmus, é feita de comedores e comidas. O chão é ele mesmo devorador, mas também ele mesmo devorado. A vida na terra – que deve ser muito mais do que chamamos vida – é uma *grande bouffe*.

3. Se tudo é comida para alguma coisa, a antropofagia é generalizada. A antropofagia, nas eras pré-cosmológicas dos ameríndios para quem tudo algum dia já foi gente, é a convicção de que estamos sempre muito próximos do canibalismo. Podemos condená-lo, mas estamos talvez nunca mais longe dele do que a distância entre a nudez e a camuflagem. Dito isso, podemos ter em nossa dieta apenas aquilo que consegue estar camuflado de não-humano.

4. Como arrancar a alma do que escolhemos comer? Podemos dizer: isso aqui (por exemplo o animal sem *anima*, ainda que animado) ainda não tem alma – ou ainda não tem interioridade, ou ainda não tem animação, ou ainda não tem agência. Ou: isso aqui já não tem alma – algum dia teve, mas a alma passou por uma intervenção *circea* e desapareceu. Ou então: isso aqui nunca teve – e procedemos a divisão moderna entre nós, os comedores, e todo o resto que, apesar das aparências, é apenas comida. A alternativa animista é: tenho que acreditar que este bicho não é gente, senão não caço, senão não como. Mas a *grande bouffe* dos animistas é uma *masquerade* – faça hoje para mim o papel do meu angu, amanhã quem sabe, dependendo da direção de elenco, serei eu teu caribú.

5. Que eu tenha que comer é minha articulação ética fundamental. Toda ética começa em torno da comida – e quando começa tarde demais, começa depois dela. Repartir o pão – ou entregar ao *kapo* um plano de fuga de Birkenau por uma colher a mais de sopa. Ingratidão, covardia, gestos inóspitos – são feitos da demanda por nutrientes. E também a greve de fome – e, de resto, toda forma de abdicação. Quando eu abdicó de meus pratos de comida

futuros, eu permito que mais sobre nos outros pratos. *La grande bouffe*: comer até morrer. O mundo sem nós é um mundo em que nós nos abtemos de devorar; que outros se devorem. Só não podemos abdicar de sermos devorados – somos comida. O elo articulado entre o hedonismo e as ascetismo: a arte de preparar um corpo como se prepara um prato.

6. A articulação ética fundamental da comida é também a articulação epistemológica fundamental. Eu como outro – o outro fica sendo minha carne. Só que minha carne é a carne de outro ainda. Não existem proprietários no regime alimentar; no banquete, não há os que estão servidos e os que são servidos porque os que estão servidos serão servidos. Ainda assim, eu posso me abster de algum outro – minha liberdade termina no rosto do outro, sim, mas o rosto do outro tem dentes, mandíbulas. Se pensarmos no mundo em que estamos como uma comunidade em um lento jantar, não se trata de dizer nem que todos são mortais e nem que todos são natais. Antes, todos serão engolidos. As vezes o banquete começa com a mordida de um micróbio, as vezes com uma extinção súbita da vida em um corpo. Os corpos são destinados à comilança. Sem vida, eles são preparados com outras receitas para a refeição – pois eles não estarão mais servidos, serão servidos. É este o sentido último da comunidade que fomos: o sentido dos pratos que entram e saem de uma mesa quase esférica.

7. *La grande bouffe*. Neste sentido o filme de Marco Ferreri é uma miniatura, um homeomerismo de todo planeta. “Mange Michel, mange, si ti ne mange pas, tu ne vas pas mourir”, dizem a Michel quando ele adocece de congestão na cama. Trazem um purê de batatas, uma montanha de purê. E dizem: come.

8. Devoramos até o fim, e o fim é que somos devorados. Planeta-comida. Também somos alimentos vivos e se nutrem de nós nossos habitantes, parasitas ou cooperativos, predadores ou prestadores de serviço – também dentro da carne pratos e pratos são servidos. A carne, ela mesma, é feita de roedores. Que se trata de um banquete monadológico talvez seja uma imagem por demais próxima de Augusto dos Anjos:

nenhum pedaço de carne, por menor que seja, não está ou estará repleta ela também de roedores.

9. E o diálogo prosegue em *La grande bouffe* de Ferreri: Michel, doente de congestão na cama é servido de uma montanha de purê de batata - imagina que tu és um indiano, um pequeno indiano de Mumbai que tem fome. Imagina a fome. Imaginar a fome, com as vísceras: imaginar a visita do anjo que transforma tudo em apetitoso. Em *Gold Rush*, Chaplin faz seus personagens se enxergarem um ao outro como galinhões - animais prontos para serem caçados, cozidos e comidos. Os olhos da fome são olhos que inventariam - procuram e inventam - a comestibilidade de todas as coisas.

10. A separação entre política e ontologia é também sobre comestibilidade: aquilo que posso comer - se eu conseguir digerir - e aquilo que não posso comer - nem que eu consiga digerir. Não se trata de uma fronteira guardada por canibais (ou por devoradores de canibais)?

11. Os povos recentes do ocidente são os que procuram não frequentar o banquete. Eles inventaram uma constituição que serve para impedir o canibalismo. E comem, e até muito, mas não se sentam à mesa - e não colocam suas carnes nas travessas. Suas carnes estão dedicadas quase que exclusivamente a microbiota que os acompanha e é só o que entra nas caixas fechadas onde eles depositam suas vísceras e peles quando prontas para serem todas devoradas. Por outro lado, de longe da mesa, eles são uma força geodigestiva que ingere pratos e pratos antes deles chegarem à mesa. Estes povos modernos comem na cozinha. E eles comem tanto porque alimentam um monstro geológico que eles guardam dentro das suas carteiras. Quando eles aparecem, os outros convivas ficam às voltas apenas com uma *petite bouffe* - o banquete fica esqualido para todos os demais. E a água, servida a todos para que as carnes desçam, fica suja.

12. O que eu como constitui aquilo que eu sou e, ainda assim, a comida é um encontro. Eu não sou um produto da minha comida, mas ela me encontra, entranhas a dentro, vísceras a dentro. A dupla articulação, que Deleuze e Guattari no platô “A geologia da moral” descrevem como onipresente como o chão em tudo o que é sublunar – Deus é uma lagosta – é também digestão. Primeiro, a *sustância* do que eu como me forma, mas é nesta minha forma que as substâncias se formam dentro de mim, no meu fôro íntimo produtivo e gerador. Segundo, a geometria das minhas vísceras – uma geometria de dobras, feitas por sedimentação – faz uma orogênese no vulcanismo das minhas tripas. O que de mais singular eu tenho do que as tão minhas placas tectônicas que formam meu intestino?

13. No resto do cosmos pode ser que não haja comida. Mas podemos pensar, com as vísceras, um espaço sem comida?

14. O sublunar, por outro lado, é devorado virando devorador. Aquilo que vai para o chão vira chão, aquilo que ainda não foi fica sobre o chão. Se o planeta se auto-regula ele cria lagostas – uma sociedade de lagostas. Entendemos a digestão, por isso sentamos os convidados à mesa e servimos água e vinho enquanto comem. Entendemos a digestão, procurar a carne da lagosta. Talvez não possamos entender mais nada. Sou uma etóloga especulativa, sim, mas nunca consegui ultrapassar a ontofagia. Só com ontofagia camuflada. Sublunares são minhas catálises, minhas análises. E encontro, quando procuro, tudo o que é sublunar à minha volta às voltas com catábases e anábases.

15. E há de mais sublunar que esta ontofagia? Muito mais: os pratos, os copos, os garfos, as toalhas – e os baldes de vômito, as privadas acopladas à mesa posta de Buñuel no *Discret charme de la bourgeoisie* que é também *Grande bouffe*.